

## Semana de Arte Moderna

## A FESTA DE HONTEM

Realizou-se hontem o segundo sarão da "Semana de Arte Moderna".

Iniciou-o o Sr. Menotti Del Picchia, o qual em elegante palestra, que damos adiante, discorreu sobre o futurismo.

Esta palestra foi ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Luiz Aranha, Sergio Milliet, Tacito de Almeida, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Agenor Barbosa e finalmente pela Senhorinha Ivonne Daumerie que executou varios numeros de dança.

Em seguida fez ouvir a consagrada pianista Guiomar Novaes, a qual interpretou varias composições de Chopin, Blanchet, Villa-Lobos e Debussy.

Recebeu ella, além de fartos applausos, diversas corbelhas de flores.

Em continuação, o Sr. Mario de Andrade realizou, na escadaria do "hall", em que se acha a exposição de arte, uma palestra sobre o movimento reformista em que se acham empenhados os organizadores destas festas.

Finalizou a festa um numero de canto e musica do qual se encarregaram os Srs. Frederico Nascimento Filho, Lucilla Villa-Lobos e o quarteto composto pela Senhorinha Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Orlando Frederico e Alfredo Gomes.

Eis a palestra do Sr. Menotti Del Picchia:

"Pela estrada de rodagem da via-lactea, os automóveis dos planetas correm vertiginosamente. Béla o Cordeiro do Zodíaco, perseguido pela Urca Maior, toda dentada de astros. As estrelas tocam o "jazz band", de luz, rhythmando a dança harmonica das espheras. O céu parece um imenso cartaz electrico, que Deus arrumou no alto, para fazer o eterno reclamo da sua omnipotencia e da sua gloria!..

Este é o estylo que de nós esperam os passadistas, para enforcar-nos, um a um, nos finos baracos dos assovios das suas vias. Para elles, nós somos um bando de bolchevistas da esthetica, correndo a 80 Km. P. rumo da paranóia. Somos o escandalo com duas pernas, o cabotinismo organizado em escola. Julgam-nos uns cangaceiros da prosa, do verso, da escultura, da pintura, da choreographia, da musica amotinados na jagucação do Canudos literario da "Paulicéa Desvairada...".

Que engano! Nada mais ordeiro o pacifico que este bando de vanguarda, liberto do totemismo tradicionalista, actualizado na vida polciada, violenta e americana de hoje. Ninguém respeita mais o "casse-tête", do guarda civico da esphina, que esse pugilio de fascinoras apparentes, ainda com as mãos fumegantes do sangue de Homero, Virgílio, Dante, Camões, Victor Hugo, sobretudo Zola e os néo-gregos, com Heredia á frente...

E' que se si assassinações, sem pena, papéas inactuaes, beijamos-lhes com reverencia, os tumulos, amando-os com a alma localizada na data dos epitaphos das suas carneiras.

Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes electricos e dos avioes, choca a visão das mumias eternizadas pela arte dos embalsamadores. Cultivar o hellenismo como força dinamica de uma poetica do seculo, é collocar o corpo secco, enrolado em vendas, de um Ramsés ou de um Amnésis, a governar uma republica democratica, onde ha fraudes eleitoraes e gréves anarchistas.

Aos djscibulos de Sparta, oppomos Friedenreich e Carpentier. A' derrocada de Ilíon, a resistencia de Verdun ou uma batalha de kemalistas. A's princezas de Calladas dos castellos roqueiros, preferimos a dactylographa garota. Não queremos phantasmas! Estamos num tempo de realidades e violencias.

A nossa esthetica é de reacção. Como tal, é guerreira. O termo futurista, com que erradamente o etiquetaram, aceitamos-o porque era um cartel de desafio. Na geleira de marmore de Carrara do parnaziismo dominante, a ponta aggressiva dessa pra verbal estilhaçava como um arjete. Não somos, nem nunca fomos "futuristas". Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é, para nós, um Precursor iluminado, que veneramos como um general da grande batalha da Reforma, que alarga seu "front", em todo o mundo. No Brasil não ha, porém, razão logica e social para o futurismo orthodoxo, porque o prestigio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo esthetico repugna jaula de uma escola. Procuramos, cada um, actuar de accordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.

O que nos agrega não é uma força centripeta de identidade technica ou artistica. As diversidades das nossas maneiras as verificareis na complexidade das formas, por nós praticadas. O que nos agrupa é a idéa geral de libertação contra o fakirismo estagnado e contemplativo, que annulla a capacidade creadora dos que ainda esperam ver erguer-se o sol atraz do Parthenon em ruínas.

Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fabricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte! E que o rufo de um automovel nos trilhos de dous versos, espante da poesia o ultimo deus homerico, que ficou, anachronicamente, a dormir e sonhar, na era do "jazzband" e do cinema, com a frutiva dos pastores da Arcadia e os seios divinos de Helena!

tiva e formidavel nos deuses do Parnaso!

E a "mulher"? Fóra a mulher-fetice, a mulher-cocaina, a mulher monomania, a "l'eternelle Madame"!

Queremos uma Eva activa, bella, pratica, util no lar e na rua, dançando o tango e dactylographando uma conta corrente; applaudindo uma noiteada futurista e valendo os tremelicantes e ridiculos poetas de fihrens raros como o porco-espinho de cerdas.

Morra a mulher tuberculose lyrica! No acampamento da nossa c'villização pragmatica, a mulher é a colaboradora intelligente e solerte da batalha diurna e vóo no aeroplano, que reaffirma e victoria brasileira de Santos Dumont, e crea o mecanico de amanhã, que descobrirá o aparelho destinado á conquista dos astros!

Só isso? Não. Não nos limitamos somente a banir da galola das rimas o fetiche "femina", nem a rechazar para a montanha e tropa olympica dos deuses. Queremos libertar a poesia do presidio canoro das formulas academicas dar elasticidade e amplitude aos processos technicos para que a idéa se transubstance, synthetica e livre na carne fresca do Verbo, sem delata-la, antes, no lefto de Procusto dos tratados de versificação. Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontanea liberdade. Ser, como somos, sinceros, sem artificialismos, sem conformacionismos, sem escolas. Sonorizar no rhythmo original e profundo, tudo o que reboue nas nossas almas de sino, carrilhonando as alleluias das nossas intimas paschoas dobrando a angustia dos nossos lutos. Dar á prosa e ao verso, o que ainda lhes falta entre nós: ossos, musculos, nervos. Poder, com a coragem de um Géca que desbasta a foice uma capoeira, a "selva aspera e forte" da adjectivação frondosa, farfalhada, incompatível com um seculo de economia, onde o minuto é ouro. Matar Verlaina, esse desalentado. Wilde, esse psychopata. Zola, esse açougueiro. Farrère, esse Ohnet de cassa, GERALDY, esse almofoadilha...

Nada de postico, meloso, artificial, arrevesado, precioso; queremos escrever com sangue — que é humanidade; com electricidade — que é movimento, expressão dinamica do seculo; violencia que é energia bandealante.

Assim nascerá uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mysterio.

Neste palco, ha mezes, quem tinha uma casaca para se sentar numa poltrona, ou 20\$000 para se encarapar nas torrinhás, assistio a esta cousa inaudita: Quarto acto de Mephistopheles de Boito, Fausto e Mephisto vão ao Olympo á procura de D. Helena, uma senhora bonita e deshonesta, que fugio de Menelau, seu predestinado marido, e fez Cassandra dizer prophcias. Ulysses inventar o Cavallo de Troya Enéas fugir com o velho Anchises para o Lacio. Aos requebros da batuta de Marinuzzi, appareceram em scena os deuses da Grecia! Quem eram? Jupiter Marte, Mercurio, Vulcano, Plutão, Neptune... Claro que, no palco, eram comparsas gigantes latrigões italianos, de pernas feludadas, gestos de pantomima. Na cabeça, por corôas reaes tinham pedacos de lata. O ouro de suas tunicas de ganga era feito com papel pintado. O espadegão de Marte era da estanho. Os raios de Deus, de ferro batido...

Pois bem, essa rídica comparsaria gaíata, lembrou-me todo o parnaziismo, com seus heróis de papelão, com seus deuses de fancia, com seus menestrels de gravura...

Hoje que, em Rio Preto, o "cow boy" nacional reproduz, no seu cavallo chita, a epopéa equestre dos Rolandos furibundos; que o industrial de vilão aquillina amontoa milhões mais vistosos do que os de Cresco; que Edu' Chaves reproduz com audácia paulista o sonho de Icaro, por que não actualizamos nossa arte, cantado essas Illidas brasileiras? Por que preferimos uma Athenas cujos destroços de Acropole já estão pontilhados de balas de metralhadoras?

Não. Paremos d'ante da tragedia hedionda, a cidade tentacular radica seus ganglios numa area territorial que abriga ... 600.000 almas. Ha na angustia e na gloria da sua luta, odysséas mais formidáveis que as que cantou o aedo cego; a do poerario reivindicando seus direitos; a do burguez defendendo sua area; a dos funcionarios deslizando nos trilhos dos regulamentos; a do industrial combatendo o combate da concurrencia; a do aristocrata exibindo o seu fausto; a do politico assegurando a sua escalada; a da mulher que quebra as algemas da sua escravidão sexual nos gurniceos aventados pelas idéas libertarias post-bellum... Tudo isso — e o automovel, os fios electricos, as usinas; os aeroplanos, a arte, — tudo isso fórma os nossos elementos da esthetica moderna, fragmentos de pedra em que construhemos, dia a dia, a Babel do nosso Sonho, ao nosso desespero de exilados de um céu que fulge lá em cima, para o qual galgamos na ancía devoradora de tocar no as mãos ás estrellas!

Estou certo que não vos espantou nosso programma. Vou mais longe: sinto que nos destes razão. Pois bem, para que ternais testemunhos das affirmações de agora, passemos em revista as forças dos avanguardistas da "Arte Moderna". Em primeiro lugar, o romance. Val fallar Oswald de Andrade.

O romance moderno tende, como vistes, a transformar-se em poema. E' um vôo constante entre o céu e a terra, onde haure a vida para esvaziá-la no alto, no desespero humano do incognoscível, contemnido sempre pelo profundo lyrismo que é a nota predominante da corrente nova.

O romance actual não é mais o mexerico psychologico de Bourget, nem a dissecação anatomica de Zola. Quanto á forma, procura a synthese, ganhando o estylo em cor e sonoridade, quanto perde em adjectivação, que é vacuo verbal. A' nota panorámica, allia-se intimamente o estado de alma. E' physio-psychico, simultaneamente terreno e celeste. E por tudo, a doiar tudo, a engrandecer tudo, a espiritualizar tudo, lyrismo, lyrismo, muito lyrismo!

Vejamos agora a Poesia. Senhores: o Sr. Mario de Andrade vai recitar.

Este é quem escandaliza de arraaes somnolentos da arte paullista, com a claridade escarlate dos seus versos allucinados.

Não catalogar como um entomologista, á maneira de Mario de Andrade. O professor avisado e culto, que estuda o verbo barroco em frei Luiz de Souza e João de Barros, que conhece as litteraturas classicas de todos os paizes, a quem são familiares as rimas de Kiu Youen na China, de mil annos antes de Christo, e os flammejantes e ultra-modernos "Alcools" de Apollinaire, crea, com sua "Paulicéa Desvairada", uma arte sua, individual, chocante, feita de estilhaços de syntheses verbeas, de impressões, de symbolos, de epigrammas como se elle fosse um bizarro photographo de almas e paizagens, que imprimisse, successivamente, na mesma película sensivel, todos os flagrantes que a bohémia Kodak do seu espirito fixou no seu maravilhado passeio pela vida.

Essa feição artistica de Mario, é como um nababesco "bric-brac" de imagens, sarcasmos, trechos anímicos, dos quaes um só isolado faria a fortuna de um poeta. Confundidos assim — pasmo e indiferença, angustia e gargalhada, paizagem e emoção — chocam, pelas violencias imprevisadas dos contrastes que na nossa educação sensitiva normal percutem como pedras.

Curto é o tempo, longa é a arte, cacete a parpalatee. Vamos adiante! Outro poeta vai recitar.

Prompto! já está passada em revista uma ala da coorte do exercito avanguardista da "Arte Nova". Talvez alguém chocasse vossa sensibilidade com o arrojado das suas concepções ou com a originalidade da sua technica. Pouco importa! O certo é que, em todos esses galhardos artistas, sente-se o sopro reformador, abolicionista da escravidão litteraria que jungia uma Arte ao tronco do Passado.

Como todos os Precursores encontrarão Herodes da critica a querer decapital-os. Invertendo, porém, a anecdota biblica, a Salomé dansar-na, longe de querer-lhes as cabeças em salvas de prata, vai interceder por elles dançando ao vosso respeito.

A poesia viva do seu corpo rimando as estrophes ephemeras dos seus gestos, será, para vossos olhos, a alegria que os vossos aqui recitados foram para vossos ouvidos...

Yvonne Daumerie a "esgalga chamma" musical e esgula, vai dansar. Os Precursores partem. Fica Salomé!

Disse.

SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

LEIRA

A "Liga Agrícola de Palmeiras", recentemente installada em Palmeiras, enviou á administração central da "Liga Agrícola Brasileira", o seguinte officio: "Palmeiras, 11 de Fevereiro de 1922. Exmo. Sr. Director da Liga Agrícola Brasileira — S. Paulo. — V. Exmo. o grato dever de comunicar a V. Ex. que, com a presença do representante legal Sr. Pedro N. de Menezes, foi hoje installada a Liga Agrícola Regional deste municipio, ficando a sua Directoria provisoria, assim constituída: Presidente da Liga, Coronel Antonio Marujano de Moura Albuquerque; vice-Presidente, Joaquim de Lacerda Abreu; Secretario, Octaviano de Alvarenga Freire; Thezourario, Miguel Bodra; Conselho Deliberativo: José Ramos dos Santos Sobrinho, Joaquim Osorio Ribeiro de Oliveira, Manoel Marja, Ambrogio Margutte, José Euzebio de Carvalho, Albino Frisamo, Amelio de Souza Pinto, José Manoel de Carvalho, Antonio Candido de Carvalho, Jonas Jacintho Alves de Moraes, Bento José de Araújo, Manoel Pedro Gandova, Gabriel Rodrigues de Oliveira Camaço e Ferrão de Fiori; Conselho Fiscal: Dr. João Ba-





## ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

### **1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais**

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta ([contato@ihf19.org.br](mailto:contato@ihf19.org.br)).

### **2. Créditos**

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

### **3. Direitos do autor**

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([contato@ihf19.org.br](mailto:contato@ihf19.org.br)).

### **4. Responsabilidades**

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.